

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT06.029

ENSINANDO E APRENDENDO COM AS PRETAS: OUTRAS POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE INTELLECTUAIS NEGRAS

Cintia Quina¹

RESUMO

Nesse estudo nos propomos a pensar na gestação dos saberes, dos frutos, dos futuros e possibilidades para um fazer educacional, que vai na direção de uma ideia de valorização das potências da população negra, o que não significa que queremos simplesmente esquecer as opressões vividas no passado e no presente, mas mostrar que é possível contar a nossa história para além das nossas dores. Para além de resistir e ressignificar, a proposta que nos mobiliza nessas linhas, é pensarmos o quanto intelectuais negras tanto brasileiras quanto estrangeiras, nos apresentam possibilidades de caminhos rumo a uma educação emancipatória, de modo que vários corpos, vozes e experiências possam se reconhecer nos processos educativos. Dentre as intelectuais escolhidas para fazermos esse percurso contamos com Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Angela Davis, bell hooks entre outras que nos mostraram que esse caminho é possível e que passa por um trabalho coletivo e que leve em consideração as múltiplas experiências, que emerga as nossas potencialidades, na construção de um saber que se faz de forma racional e emocional. Diante disso, essas teóricas também nos ensinam a importância de se construir saberes para além do Norte, que o conhecimento também se encontra no Sul e que ele pode ter uma “cara preta e indígena”

Palavras-chave: educação emancipatória; mulheres negras; empoderamento; gestação dos saberes; valores circulares

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo-FEUSP- e-mail: cintiaquina@usp.br

INTRODUÇÃO

PARA ONDE QUEREMOS IR?: A PAVIMENTAÇÃO DA ESTRADA

“Queria dizer da minha alegria em ser mãe de uma pequena mulher. Complementação ideal de um ser. Olho-a este pequeno animal humano, que como o crescente me faz pensar na certeza da perenidade e me rejubilo em poder ser”.

Beatriz Nascimento²

A partir das ideias de Beatriz Nascimento nos propomos a pensar na gestação dos saberes, dos frutos, dos futuros e possibilidades ao refletirmos acerca dos caminhos percorridos pela educação.

Uma das estratégias adotadas para podermos pensar diferentes caminhos para esse fazer educacional, vai na direção de uma ideia de valorização das potências da população negra, o que não significa que queremos simplesmente esquecer as opressões vividas no passado e no presente, mas mostrar que é possível contar a nossa história para além das nossas dores.

É importante que reconheçamos que somos e podemos ser muito mais, do que aquilo que foi comumente narrado nos livros de história de outros tempos, que no processo de reestabelecimento da humanidade que nos foi retirada, temos muito a contar e recontar ao mundo e as futuras gerações.

Saberes esses negados, silenciados, distorcidos e, porque não dizer, roubados, inclusive. É sobre isso que vamos falar agora. É nesse movimento que prima por valores circulares, no qual não estamos descobrindo a roda, mas buscando contribuir para continuar fazê-la girar.

A grande diferença se faz a partir de quem fala, pois o que a história sempre nos mostrou e nos ensinou que era necessário que alguém viesse e nos civilizasse, afinal, como já foi dito, sequer éramos vistas como humanas, mas agora trata-se de outro momento, onde se continua a traçar caminhos de resistência, do direito a existência contando a nossa própria história.

Diante dos inúmeros questionamentos levantados e semeados ao longo da jornada, apresentam-se outras proposituras possíveis de reflexão e de diá-

2 Trecho do texto “Um aparte ao Feminismo” de Beatriz Nascimento, cuja versão original datilografado e sem data encontra-se no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Código: 2D. Caixa: 23. Pasta: 4. Documento: 5.

logo. Uma dessas que nos propomos a apresentar aqui, parte dos ensinamentos de Jurema Werneck (2010), ao retratar como se construíram seus aprendizados, ela nos diz que:

Falo do que vi, aprendi, li, ouvi, a partir da minha inserção em comunidades heterogêneas: de diferentes gerações, sexualidades, racialidades, escolaridades, possibilidades econômicas, culturais e políticas e muito mais (...) destaco a diversidade de temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação, que são constitutivas do modo como nos apresentamos e somos vistas ao longo de séculos da experiência diaspórica ocidental (WERNECK, 2010, p. 10)

Werneck nos mostra que entre as várias experiências vividas, é preciso destacar as lutas de diferentes mulheres na tentativa de trazer sentido a cenários e contextos em rápida e violenta transformação, uma luta árdua contra a violência do aniquilamento racista, heterossexista e eurocêntrico, garantindo assim com que tivéssemos uma participação no agenciamento de condições de vida para nós mesmas e para um grupo maior ao qual nos vinculamos.

Nessa direção, Angela Davis (2017[1990]) nos diz que o processo de empoderamento não pode ser visto de maneira simplista, pautado em interesses específicos de nossa classe, mas que devemos estar atentas as dificuldades com as quais nossas irmãs estão familiarizadas no que diz respeito as opressões que talvez nós não estejamos, pois afinal, quando nos referimos a mulheres, é importante que se pontue, de quais mulheres estamos falando, e em quais contextos, pois se trata de uma algo bastante plural portanto:

Se quisermos elevar a condição de toda a nossa comunidade à medida que escalamos as alturas do empoderamento, devemos estar dispostas a oferecer uma resistência organizada contra as recentes manifestações de violência racista por todo o país (DAVIS, p.20)

Com isso, Davis afirma que nós ao continuarmos na subida em direção ao empoderamento “ergueremos conosco nossos irmãos de minorias étnicas, nossas irmãs e irmãos da classe trabalhadora branca e, efetivamente todas as mulheres que sofrem os efeitos da opressão sexista” (p. 23). Por essa razão, de acordo com o que a autora nos apresenta, é fundamental que atuemos na construção de uma sociedade que seja pautada pela equidade.

Continuando a pensar sobre esse processo, bell hooks (2017[1994]) nos mostrou que é necessário para que se rompa com uma lógica de pensamento competitivo que cria uma hierarquização das opressões, é preciso que as mulheres sejam encorajadas a desenvolver uma compreensão que seja mais abrangente e aguçada acerca das diversas realidades.

Desse modo, as autoras nos mostram que os caminhos percorridos e os aprendizados construídos em prol de uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, tem como um importante alicerce, a luta coletiva, ou seja, trata-se de uma luta que é feita por nós, para nós e conosco.

Nos alertam quanto ao fato de que a luta contra a opressão racista e sexista diz respeito a toda sociedade, não se restringindo a um determinado grupo, mas chamando a atenção quanto a importância do protagonismo das mulheres negras nesse processo de combate as opressões.

A partir do momento que pensamos numa construção coletiva, devemos levar em consideração a multiplicidade de experiências de opressão e intolerância que como nos mostrou Audre Lorde (2020[1983]) se expressam de todas as formas, cores e sexualidades. Diante disso, é fundamental que estejamos atentas aos saberes que são construídos e constituídos ao longo dessa jornada, o que nos permite ter um olhar cada vez mais plural diante das realidades que se apresentam.

Para além de resistir e ressignificar, a proposta que nos mobiliza nessas linhas, é pensarmos o quanto intelectuais negras tanto brasileiras quanto estrangeiras, nos apresentam possibilidades de caminhos rumo a uma educação emancipatória.

Portanto, nessa subida em direção ao empoderamento, queremos pensar esse caminho potente e emancipador pelas estradas da educação, cujas chegadas e partidas, trazem consigo inúmeras histórias e que essas promovem incontáveis reflexões nos mostrando que ao invés de um caminho linear temos uma encruzilhada diante de nós.

Acerca dessa perspectiva Davis (2016[1981]) nos mostra que a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que diz respeito ao acesso à educação, sejam elas pessoas livres ou escravizadas.

Para além dos movimentos de resistência a escravidão como revoltas, fugas e sabotagens, havia o processo de aprender a ler e a escrever que se apresenta como um elemento extremamente importante enquanto estratégia de combate as opressões.

Acerca disso, um dos exemplos apresentados na obra de Davis será o caso de Natchez, Lousiana:

Em Natchez, Lousiana, uma escrava comandava uma “escola noturna”, dando aulas ao seu povo das onze horas da noite às duas horas da manhã, de maneira que conseguia “formar” centenas de pessoas. Sem dúvida, muitas delas escreveram as próprias licenças de viagem e tomaram o rumo da liberdade (DAVIS, 2016, p. 34)

Nesse sentido, a autora nos mostra que a população negra compreendeu que o acesso ao conhecimento “torna uma criança inadequada para a escravidão” (p. 108). Esse anseio pelo conhecimento fez com que após um longo período de privação educacional, a população negra reivindicasse com muita vivacidade, o direito de satisfazer o seu profundo desejo de aprender e que a educação passaria ser então sua maior prioridade.

Pensando esse caráter empoderador da educação a partir da realidade brasileira, diversos estudos têm mostrado o quanto a população negra lutou de diversas maneiras em prol do acesso à educação, sobre isso não podemos deixar de salientar o que Nilma Lino Gomes (2017) chamou de o movimento negro educador. Nesse sentido a autora nos mostra que:

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos de nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento (GOMES, p.16-17)

Com isso, Gomes nos apresenta a pujança no que diz respeito a atuação do movimento negro, que tem como um de seus pilares fundamentais o acesso à educação, e que esta seja de qualidade e representativa das realidades e anseios da população negra, chama a atenção para intervenções realizadas de forma bastante significativa na articulação entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, sobretudo no âmbito da educação básica e as universidades.

Nesse sentido, assume um forte protagonismo no tensionamento e quebra de paradigmas, o que promove a emergência de outras cosmopercepções.³, o que possibilita que outras pedagogias emergjam. Uma das formas em que isso ocorre, é que diante da lentidão das políticas educacionais brasileiras, o movimento negro cria estratégias de construção com os seus próprios recursos de projetos educativos que valorizem sua cultura, história e saberes construídos.

Mas o movimento negro não se restringirá a esse tipo de estratégia, pois após os anos 2000, ele passará a ter outro tipo de visibilidade, que tem a ver com a cobrança e a intervenção no Estado acerca de políticas públicas de igualdade racial.

Durante um período de sua história, a população negra construiu estratégias educacionais para compensar a sua ausência decorrente de um processo de exclusão dos espaços educacionais da época, já numa outra fase, as lutas se constituíram tendo como elemento mobilizador a igualdade de direitos, de acesso à educação, de um currículo que promova uma formação de fato eficiente, além de políticas de permanência nesses espaços educacionais, aspectos que marcam o nosso momento atual enquanto pauta de reivindicações

COM QUEM SEGUIREMOS?. QUAIS SÃO NOSSOS ALICERCES?

A fim de pensarmos acerca de alguns caminhos possíveis rumo a uma educação emancipadora, continuaremos nossa jornada no sentido de pensar quais as possibilidades, de quais ferramentas dispomos, como percorrer por esse legado e seguir em frente. Nesse momento caminharemos com bell hooks (2017[1994]):

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo (hooks, 2017, p. 35)

3 Partindo da perspectiva de a Oyèrónkẹ Oyèwúmi (2002) tradução de Wanderson Flor do Nascimento, cosmopercepção é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais, onde o entendimento do mundo se dá a partir de outros sentidos e não somente a visão, como propõe a perspectiva ocidental.

A autora nos ajuda a pensar em que sala de aula é essa que queremos construir, pois é extremamente importante que se valorize verdadeiramente a presença de cada pessoa, compreendendo que todas elas influenciam nessa dinâmica. Se a nossa proposta é uma sala de aula que seja plural, é fundamental que possamos romper com os padrões de dominação, onde se estabeleça um diálogo entre estudantes e docentes em que ambos possam aprender.

Mesmo diante de adversidades que os sistemas educacionais possam atravessar, a sala de aula ainda se mostra como um espaço que oferece as possibilidades mais radicais de emancipação. Tanto que em sistemas políticos autoritários, os sistemas educacionais sofrem fortes ataques, nesse sentido a autora em “Ensinando pensamento crítico” 2020[2007]) destaca que:

Mudanças bem-sucedidas no currículo que promoviam inclusão e diversidade ameaçavam o *status quo* existente e os apoiadores dos preconceitos patriarcais, capitalistas, imperialistas e supremacistas brancos. O contra-ataque começou. Os meios de comunicação de massa eram o espaço de propaganda para a disseminação de informações falsas, dizendo ao mundo que escritores e pensadores brancos já não eram estudados, que os clássicos em todos os campos estavam sendo ignorados, e que “grandes” trabalhos estavam sendo desconsiderados enquanto pensadores médios eram favorecidos. (hooks, 2020, p.165-166)

O trecho acima retrata perfeitamente muito do que se viveu nos últimos anos no sistema político brasileiro, onde intelectuais da relevância histórica para a educação brasileira como Paulo Freire eram constantemente atacados, além disso, o discurso da inexistência do racismo.

Nesse sentido, Grada o Kilomba (2019) aponta que para muitos o racismo não é visto como um fenômeno social e as pessoas que têm que enfrentá-lo são sempre confrontadas com a mensagem de que aquilo nada mais são do que experiências que decorrem de uma sensibilidade excessiva e, que, portanto, são da própria responsabilidade da pessoa, ou seja, trataria de se vitimismo, o que é comumente chamado atualmente de mimimi.

Diante de desafios como esses, em que temos a exacerbação de práticas autoritárias e uma constante negação do racismo, o que hooks potencializa em suas análises é que o aprendizado supere o ódio, que tenhamos uma leitura crítica diante de obras que expressam o ódio racial e que estejamos atentas acerca de quaisquer pensadores ou escritores que apoiem uma cultura opressora.

Mesmo que esse apoio a práticas opressoras se expresse de forma ignorante, trata-se de um apoio a um mundo que nos prejudica, e por essa razão se faz necessário a compreensão tanto de docentes quanto de estudantes no que diz respeito às diferenças de nacionalidade, raça, sexo, classe social, sexualidade, se quisermos de fato pensar uma educação como prática de liberdade.

Com isso, compreendemos a importância do desenvolvimento daquilo que hooks chamará de pedagogia engajada e que aqueles e aquelas docentes que abraçam o desafio de se autoatualizar, que levem narrativas de sua própria experiência para a sala de aula, serão muito mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam estudantes, proporcionando-lhe maneiras de saber que efetivamente façam mais sentido.

Em vista disso, podemos observar o quão importantes são as experiências, tanto individuais quanto coletivas, o que não significa um abandono da teoria, mas hooks afirma que “nenhuma teoria que não possa ser comunicada em uma conversa cotidiana pode ser usada para educar o público” (hooks, 2017, p.90).

Nesse ponto a autora nos alerta para a importância do estabelecimento do diálogo entre teoria e prática, o que nos leva a compreender o quanto essa ação se apresenta como algo poderoso, tendo em vista aquilo que se almeja alcançar, pois à medida que nos enveredamos por uma única e exclusiva perspectiva, perdemos a oportunidade de construir e constituir algo muito mais potente no que concerne a produção de conhecimento.

Assim como já temos referenciado, é importante salientar que o quanto esse processo que vislumbra outro caminho, que seja emancipador e plural para a educação, a partir de diferentes perspectivas, olhares e atuações tem contado com o protagonismo de mulheres negras, haja vista as autoras aqui citadas, nesse sentido hooks (2020) nos alerta que: “É essencial que obras de pensadoras negras visionárias sejam guardadas em arquivos acessíveis, em primeiro lugar, às pessoas engajadas no processo de descolonização” (p.258)

Nesse sentido, a autora nos chama a atenção para podermos resistir ao processo de apagamento, que é necessário que façamos tudo o que pudermos para documentar, destacar, honrar e construir um trabalho de ponta que rompa com o silêncio e que com isso derrubemos os muros que foram levantados a fim de bloquear nossa visão acerca de nós mesmas e de nosso futuro.

Isso faz total sentido à medida que nos debruçamos a construir e refletir acerca de uma história que ainda precisa continuar a ser escrita e contada, e passa pela ação dessas várias mulheres negras. No intuito de romper os silêncios

e os muros, Lélia Gonzalez (2020[1983]) nos chamou a atenção no que diz respeito as noções de consciência e memória:

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber (...) já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade(...). (GONZALEZ, 2020, p.78)

Ao trazer essas duas noções, a autora nos apresenta o percurso de sua reflexão na tentativa de entender o porquê o mito da democracia racial teve e podemos dizer que ainda tem tanta aceitação no Brasil, tendo em vista que se tem em alguns espaços, como, por exemplo, a escola onde é possível perceber uma naturalização de práticas racistas e uma série de estereótipos atribuídos as pessoas negras como a incapacidade intelectual, para ficarmos apenas em um exemplo.

Ela afirma que a consciência irá excluir aquilo que a memória inclui, que uma determinada consciência faz de tudo para que nossa história seja esquecida. A fim de seguir por um caminho que rompa com essa lógica, é fundamental que haja a construção de uma consciência crítica que não queira apagar a nossa memória, mas ao contrário que a sua valorização contribua profundamente para outra consciência social.

Para que isso ocorra faz-se necessário um profundo engajamento no processo de descolonização de olhares e mentes que dentre vários aspectos passará pela valorização de nossa memória, para que justamente possamos sair desse lugar de invisibilidade e apagamento. A possibilidade de existir pavimenta caminhos para que possamos contar todas as histórias que queremos e como quisermos.

Seguindo com Gonzalez, através da mulata e da doméstica, a autora nos mostra como a mulher negra é situada nesse discurso da democracia racial, nos apresentando inicialmente essa dupla imagem que a desumaniza profundamente, e que acaba adentrando infelizmente os portões da escola.

Isto posto, é possível observar a expressão dessas ideias ao refletirmos os espaços escolares, por exemplo, quando nos deparamos com estudantes, majoritariamente negras, que são hipersexualizadas, e em virtude de um silêncio com relação a determinados temas caros, sobretudo para realidades escolares que vivenciam um contexto de várias vulnerabilidades, como vários aspectos rela-

cionados a sexualidade e os vários tipos de violência, é possível nos depararmos com jovens que serão muitas vezes “expulsas” das escolas em virtude de uma gestação que não foi planejada entre outras situações.

Outro exemplo muito recorrente nesse sentido, se dá quando observamos quem na maioria das vezes são as trabalhadoras da cozinha e da limpeza, que de alguma forma vem reforçar uma ideia, de que a essas mulheres só resta esse lugar, quando, na verdade, é importante que seja compreendido que essas mulheres podem e não só podem, mas como devem ocupar quaisquer espaços de trabalho.

Mas justamente nos mostrando a existência de outros caminhos, eis que emerge outra noção importante para a reflexão de Gonzalez, que será a da mãe preta. Em sua análise ela nos propõe que justamente a mãe preta terá uma atuação extremamente importante para romper com esse ciclo de desumanização:

O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns negros muito apressados em seu julgamento. (GONZALEZ, 2020, p. 87)

Com isso a autora nos propõe olhar de outra maneira para mãe preta, rompendo com uma imagem cristalizada que se construiu, ora por um grupo, ora por outro, isto é, ela não pode ser definida como exemplo de profundo amor e dedicação total, podemos dizer até cego e que não reflete sobre suas ações, como querem as pessoas brancas, como também não deve ser vista como uma entreguista ou até mesmo uma traidora da raça como defendiam algumas pessoas negras, que ao analisarem por esse viés estariam apresentando um julgamento um tanto precipitado ao falar da atuação da mãe preta.

O que Gonzalez irá nos mostrar, é que será justamente a mãe preta que dará a rasteira na classe dominante, porque será nas brechas desse sistema opressor é que se fará a resistência e através do exercício efetivo da função materna, afinal, era ela a pessoa responsável por tudo que diz respeito aos cuidados da criança, enquanto as mulheres brancas apenas as pariam, com isso:

(...) Essa criança, esse infans, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na

ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai (GONZALEZ,2020, p. 88)

Tendo em vista esse olhar para a mãe preta, percebemos que se pavimentará na nossa história uma educação que foi silenciada e que se buscou continuamente apagar e que nesse momento recorremos para percorrermos em nossa encruzilhada educativa⁴ que é o pretuguês.

É nesse sentido então que compreendemos a rasteira dada pela mãe preta, que se multiplicou e se multiplica em várias mães pretas e que se apresenta então como uma das grandes educadoras de nossa nação, que foi e o é constantemente apagada e silenciada no que diz respeito a construção dos processos educativos, cujo pretuguês é nossa língua materna.

O pretuguês diz respeito a essa presença africana existente na nossa língua que foi e é marginalizada e tida como uma forma errada do uso da língua, sobre isso a autora nos diz que:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente (GONZALEZ, 2020, p.90)

A partir do pensamento de Lacan, a autora nos apresenta a perspectiva do sujeito suposto saber que diz respeito as pessoas com quem nos identificamos no imaginário e que idealizamos, e à medida que nos identificamos, assim assumimos os valores destes como nossos.

Por essa razão que a autora nos apontará que o racismo à brasileira é neurótico, pois ele tem vergonha de si, ela dirá que é o “preconceito de ter preconceito”, mas à medida que existência desse preconceito não é admitida, por outro lado, se mostra profundamente naturalizada quando se acha “normal” que o lugar de pessoas negras seja na favela, que falam errado, uma expressão de sua incapacidade intelectual ou que o extermínio da juventude negra não cause qualquer indignação.

4 Nome dado ao projeto de extensão desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa “Laroyê: culturas infantis e pedagogias descolonizadoras coordenado pela Prof.ª Dr.ª Ellen Souza, desdobramentos que se deram a partir do conceito de lógica exúlica desenvolvido pela pesquisadora que se refere a uma perspectiva humanizadora, antirracista, contra hegemônica, a partir dos valores e princípios do pensamento das religiões de matrizes africanas, centrada na figura do orixá Exu.

Essa neurose a todo momento se explicita, pois trata-se de uma sociedade que se pensa branca, em que não se aceita a ideia de que estamos profundamente alicerçados em valores societários africanos, sendo a mãe preta um dos símbolos marcantes desses valores. Além disso, quando se quer pensar acerca de “símbolos nacionais”, ou como a autora menciona, as “coisas nossas”, os exemplos são o samba, o maracatu, a escola de samba, entre outros, apagando desses elementos culturais os seus valores africanos.

Nesse processo do racismo à brasileira, um dos aspectos que Gonzalez nos traz ao pensar como o racismo brasileiro se expressa, será através do que ela chamará de racismo por denegação, nome que será dado para essa negação que se expressa o tempo todo, em que se tem uma predominância de ideias em torno da miscigenação, assimilação e da democracia racial.

Pautado na lógica do branqueamento, percebe-se constantemente a negação em torno da ideia do preconceito, ou seja, o preconceito que nega a si próprio, enquanto o sujeito negro nega a sua própria existência a fim de atender a essa lógica.

Acerca desse processo de negação da própria existência, Neusa Santos Souza (1983) nos mostra o quanto isto ocasiona um profundo massacre de nossa identidade; por isso, é fundamental a elaboração de um discurso da população negra sobre si mesma, acerca disso a autora nos mostra que ao saber-se negra também é:

(...) a experiência de comprometer-se a resgatar sua própria história e recriar-se em suas potencialidades. Aqui está a matéria-prima. É ela que transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, exigido como mais um requisito de ascensão social, num anseio apaixonado de produção de conhecimento. É ela que, articulada com experiências vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á num saber que- racional e emocionalmente- reivindicado como indispensável para negros e brancos num processo real de libertação. (SANTOS, 1983, p.17-18)

Nesse sentido, a autora nos convoca a ressignificar e fazer emergir as nossas potencialidades, na construção de um saber que se faz de forma racional e emocional que promova de maneira efetiva um processo de libertação, pois ser negro não se trata de uma condição que nos é dada, é um vir a ser, é um tornar-se negro e o processo de tornar-se tem a ver com tomar posse dessa consciência e criar uma nova que reassegure os respeito às diferenças.

Voltando a caminhar com Lélia Gonzalez (2020), a autora se propõe a refletir acerca da força da presença negra não somente no Brasil, mas na construção cultural do continente americano, o que a leva a pensar no desenvolvimento de uma categoria que não se restringisse apenas ao contexto brasileiro, mas que pudesse abarcar essas outras realidades negras existentes no continente, assim ela chega na amefricanidade:

Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma *unidade específica*, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. (...) o termo *amefricanas/amefricanos* designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo (GONZALEZ, 2020, p. 135)

Com isso, compreendemos que não importa o fato de sermos oriundos/oriundas de várias partes do continente, embora se pertença a diferentes sociedades, o sistema de dominação é o mesmo, isto é, o racismo. Já nos alertava, portanto, para as estratégias de combate que deveríamos adotar no combate ao epistemicídio, que como nos ensinou Sueli Carneiro (2023) diz respeito a um processo em que as pessoas negras enquanto sujeitos produtores de conhecimento são constantemente anulados e inferiorizados intelectualmente, e tal conjuntura se encontra nas entranhas dos nossos sistemas educacionais.

Nesse sentido, tanto Gonzalez como Carneiro, nos apontam a importância de se construir saberes para além do Norte, que o conhecimento também se encontra no Sul e que ele pode ter uma “cara preta e indígena”.

A amefricanidade também se coloca como uma perspectiva importante visto que, nossa experiência enquanto pessoas afrodiáspóricas se difere daquela vivida pelos africanos que permaneceram em seu continente, o que nos possibilita “trocas atlânticas” extremamente profícuas., além dos diálogos com os povos indígenas do continente americano.

Dentro dessa perspectiva, buscam-se caminhos para pensar as lutas dos movimentos de mulheres, que entre as diversas pautas, tem a reivindicação por uma educação de qualidade que vá ao encontro das pluralidades de nosso povo.

AONDE CHEGAMOS?: COMO SEGUIR DAQUI PARA FRENTE?

Ao longo dessa jornada, buscamos compreender através do pensamento de mulheres negras, tanto brasileiras quanto estrangeiras como elas nos ajudam a pensar em caminhos e possibilidades para uma educação que seja libertadora, emancipadora, antirracista, antissexista, de modo que vários corpos, vozes e experiências possam se reconhecer nos processos educativos.

Nesse sentido, de modo geral, todas as autoras acionadas nos apontaram como relevante levarmos em consideração as múltiplas experiências, afinal ao pensarmos nas experiências de opressão, não devemos compreendê-las a partir de uma perspectiva hierárquica.

É importante saber que não estamos sós, que devemos permanecer unidas sobretudo diante das adversidades, compreendendo que a opressão nos atinge de maneiras diferentes, que não existe mais ou menos dor, mas que é fundamental que jamais se deixe de olhar em volta

Ao estarmos atentas à nossa volta perceberemos que o processo de empoderamento, precisa se dar de forma efetiva e não ser tratado de maneira simplista, ficando reduzido apenas a discursos que não se alinham a ações concretas. Dentre os vários pontos que necessitamos nos atentar são os ataques aos sistemas educacionais, por sistemas políticos autoritários que criam a todo instante, estratégias para inviabilizar o desenvolvimento de uma pedagogia que seja crítica, engajada, ou seja, nesses contextos nos deparamos com práticas pedagógicas engessadas e com um profundo cerceamento da autonomia pedagógica.

Vimos também o quanto a educação sempre foi algo extremamente importante para a população negra se constituindo enquanto um importante elemento de resistência na luta contra a opressão, se organizando tanto a partir de seus próprios meios quanto através da reivindicação de políticas públicas de acesso e permanência nas instituições de ensino, que tem promovido o início uma mudança em torno do que se ensina, se aprende, além dos corpos e vozes que agora passam a fazer parte dos espaços acadêmicos, entre eles os corpos de mulheres negras.

Acerca dos saberes produzidos, e das histórias que queremos contar, hooks (2020) nos ensina que mulheres negras do mundo inteiro tem uma longa história de luta para que suas feridas possam ser superadas, para sobrevivermos

as dores, é necessário que fiquemos de pé, pois ainda se trata de uma história de vítimas, mas também nos afirma que:

A história que mulheres negras radicais e visionárias estão fazendo em nossas vidas e nossos trabalhos hoje não é uma história que começa com feridas. É uma história que começa com o reconhecimento de que o trabalho do amor é nosso ponto de partida revolucionário, de que amar a nós mesmas, independente das circunstâncias, já é estar em lugar de vitória (Hooks, 2020, p. 262-263)

Nesse sentido, retomamos a ideia de que apesar de não negarmos sua existência somos mais do que as nossas dores podem dizer sobre nós, através das várias expressões desse amor revolucionário, percorremos um caminho que sem dúvida nos mostrou um amor pelo saber, pela produção de conhecimento, pela potência de mulheres negras que com seus saberes, através de suas cosmopercepções, em suas encruzilhadas educativas, nos nutriram de possibilidades, de um saber que não nos hierarquiza, mas que nos une, nos soma, que nos engaja em circularidades esperançosas, mas não ingênuas.

Que racional e emocional não são opostos, que somos amefricanas, pois é necessário que não venhamos a nos orientar por conhecimentos neuróticos, que, na verdade, nos desorientam, que não devemos estar apenas em busca de um norte, mas que possamos também “dar um sul” para as nossas trajetórias, compreendendo a nossa pluralidade, a nossa multiplicidade.

Que nesse movimento múltiplo e plural de aquilombamentos onde somos pretas, indígenas, brancas, amarelas, cis, trans, e todas as camadas que nos compõem, aprendamos com as nossas mais velhas, a nossas mais novas, as nossas iguais, como nos ensinam as religiões de matrizes africanas, as comunidades tradicionais, que aprendamos com as crianças e as infâncias.

Que nos dias de destruição vençamos o ódio, enquanto mulheres negras temos um importante compromisso com a nossa história, individual e coletiva, com o nosso tornar-se, que com o nosso enegrecer possamos continuar abrindo caminhos para as estradas das próximas gerações, pois o amor é revolucionário e a felicidade é subversiva.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do Outro como não ser e como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2023.

DAVIS, Angela. Mulheres, Cultura e Política. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. Mulheres, Raça e Classe. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

_____. Ensinando pensamento crítico: sabedoria e prática. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: Sou sua irmã: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o racismo e o sexismo. Revista da ABPN, v1, n.1, mar-jun. de 2010 p.08-17.